

 HARLEQUIN®

Sabrina®



Abby Green
CASADA COM UM DESCONHECIDO

____Sabrina®____

CASADA COM UM
DESCONHECIDO

Abby Green



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Abby Green
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Casada com um desconhecido, n.º 1882 - março 2022
Título original: The Greek's Unknown Bride
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-420-1

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Apollo Vasilis olhou pela janela para o lago situado naqueles jardins frondosos. Atenas via-se ao longe por baixo da bruma e o mar era apenas uma linha perceptível no horizonte, mas não reparou em nada disso. Tinha os braços cruzados por cima do peito e a tensão embargara o seu corpo. Uma tensão que experimentava há três meses.

Ouvia-se um assobio intermitente atrás dele e, de repente, mudou de ritmo e tornou-se mais rápido. O ritmo cardíaco aumentara. Ela estava a acordar. Finalmente.

Virou-se. Havia uma mulher deitada na cama. Estava muito pálida e o seu cabelo dourado-avermelhado estava espalhado pela almofada. Além disso, tinha o olho direito coberto com uma gaze.

Também tinha ligaduras num braço. Um arranhão na face esquerda. Um milagre, tendo em conta que o carro que conduzia estava no fundo de uma ravina estreita, a cem metros de profundidade e transformado numa massa de metal carbonizado.

Aproximou-se da cama. Ela tinha as sobrancelhas escuras e perfeitamente definidas. As suas maçãs do rosto pareciam mais proeminentes do que ele recordava. Embora observar essa mulher de forma tão detalhada não fosse algo que tivesse feito recentemente.

Não desde que olhara para ela como se nunca tivesse visto uma mulher. Há quatro meses, quando se tinham

conhecido pela primeira vez. Quando a imagem do seu corpo nu fizera com que o coração dele acelerasse.

Ainda recordava o corpo dela, como se a imagem tivesse ficado gravada no seu cérebro. Os seios pequenos e arredondados. A barriga plana, a curva das ancas. Os pelos avermelhados do seu sexo. As pernas esbeltas. O aspeto dela era muito delicado e, no entanto, quando os seus corpos se tinham unido, ele sentira a força inata e poderosa e fora a experiência mais erótica da sua vida.

Para surpresa de Apollo, um calor intenso invadiu-o por dentro. Algo que não sentia há meses. Aquela sensação causou-lhe rejeição. Aquela mulher enganara-o da pior forma possível.

Desprezava-a.

Abriu-se a porta e entrou uma médica.

- Devo recordar-lhe que não devemos ter muitas esperanças. A gravidade da lesão que sofreu na cabeça não poderá determinar-se até recuperar a consciência.

Apollo assentiu e observou enquanto punham as máquinas à volta da cama. A médica sentou-se junto da mulher e deu-lhe a mão.

- Querida, consegues ouvir-me? Consegues abrir os olhos?

Apollo viu que mexia os olhos por baixo das pálpebras. Durante um segundo, susteve a respiração, como se, por um instante, tivesse esquecido tudo e se importasse um pouco com a hipótese de a esposa acordar ou não.

Ela conseguia ouvir uma voz ao longe. Era como um zumbido que tentava tirá-la da escuridão intensa em que estava perdida, rodeada de paz e silêncio.

Uma pressão na mão. A voz. O tom mais alto. Não conseguia entender as palavras, só a entoação. Hum. Hum!

Tentou afrouxar a pressão da mão, mas tornou-se mais forte. Sentia uma luz brilhante nos olhos e estava confusa.

Então, de repente, ouviu com clareza a voz que lhe dizia:
- Senhora Vasilis, está na hora de acordar.

Durante um segundo, lamentou-se por deixar a escuridão calma para trás, mas sabia que não tinha outra opção senão obedecer à voz. Compreendia as palavras, mas não faziam muito sentido para ela... Senhora...?

Abriu os olhos e fechou-os novamente ao ver a luz. Apercebeu-se de que estava deitada na cama e de que havia muita atividade à sua volta. Também viu a silhueta de uma pessoa alta aos pés da cama.

Uma silhueta que lhe era familiar e que fez com que o seu coração acelerasse sem motivo.

- Senhora Vasilis, consegue tentar abrir os olhos outra vez? Fechámos as persianas para que seja mais fácil.

Ela abriu um pouco os olhos e, dessa vez, não lhe doeu muito. Focou o rosto da mulher e viu que não a conhecia. Havia outras duas mulheres, também desconhecidas. Todas tinham cabelo e olhos escuros. Havia um som de fundo e ouvia-se o assobio rítmico das máquinas. Era tudo branco e cheirava a antisséptico.

Uma palavra apareceu na sua mente: hospital.

Apercebeu-se de um movimento aos pés da cama e olhou para lá. A silhueta era a de um homem. Conhecia-o.

- A... Apollo?

- Muito bem.

Mal reparou no tom de alívio com que a médica falara, já que estava a olhar para o homem. Usava uma camisola de manga comprida e gola redonda. Tinha costas largas e o peito definido, mas não muito musculado. Era magro.

Tinha o cabelo curto e escuro. Traços masculinos marcados. Os olhos verdes. Ela sabia, embora não conseguisse vê-lo dali. O queixo proeminente. A barba incipiente. Os lábios firmes. E ardentes sobre os dela. Tremeu. Aquele homem beijara-a.

Sentiu que lhe apertavam a mão. Ouviu a voz da médica.

- Sabe quem é este homem?

Era-lhe difícil parar de olhar para ele, como se tivesse medo de que pudesse desaparecer. Ela assentiu.

- Sim... Acabámos de nos conhecer. Na outra noite. - Ele franziu o sobrolho, mas ela não se apercebeu. Corou ao recordar a primeira vez que o vira e como parara ao ver como estava atraente com o *smoking*.

Ele parecia aborrecido. As pessoas formavam redemoinhos à sua volta, mas ao longe, como se não se atrevessem a aproximar-se mais.

Então, os seus olhares tinham-se encontrado e... Bang! Sentira um aperto no coração e, depois disso, não voltara a ser a mesma.

A pouco e pouco, compreendeu que estava num hospital. O que fazia ali com um homem que mal conhecia?

«Mas conheces! Intimamente!»

Estava convencida disso. Contudo, como sabia se acabara de o conhecer? Tentou encontrar a resposta, mas não conseguiu.

Sentia-se confusa e, pela primeira vez, teve a sensação de que alguma coisa estava mal. O medo... O pânico apoderou-se dela.

- O que se passa? Porque é que eu estou aqui? - perguntou à médica.

Assim que pronunciou a palavra «eu», apercebeu-se. «Eu...» Um completo vazio. Um grande receio.

- Espera... Não sei quem sou. Quem sou?

De repente, recordou uma coisa. A médica chamara-lhe...

- Chamou-me senhora Vasilis?

A médica observou-a com uma expressão difícil de decifrar.

- Porque é a senhora Vasilis. Sasha Vasilis.

«Sasha.» Não era ela.

- Acho que esse não é o meu nome?

- Qual é o seu nome?

Mente em branco. Nada. Frustração.

A médica voltou a falar. Tranquilizando-a.

- Sasha. Chama-se Sasha e é casada com este homem. Com o Apollo Vasilis.

Observou o homem novamente. Ele tinha o sobrolho franzido e não parecia especialmente contente por estar casado com ela. Ela abanou a cabeça e sentiu uma dor forte num olho.

- Não é possível, acabámos de nos conhecer.

«Então, se acabaste de o conhecer, como podes conhecê-lo de forma íntima? Como podem estar casados?»

Começava a doer-lhe a cabeça. A médica apercebeu-se de que não se sentia bem e disse:

- Chega, por enquanto. Precisa de descansar. Podemos continuar mais tarde.

Uma enfermeira deu um passo em frente e regulou um conta-gotas que estava junto da cama. Em seguida, Sasha sentiu-se imersa na escuridão que lhe proporcionava tranquilidade, deixando para trás o medo e as perguntas inquietantes. E ele, o mais inquietante de tudo. Embora não soubesse muito bem porquê.

Dois dias mais tarde

- Achamos que a sua perda de memória se deve à experiência traumática do acidente. Os exames não mostram nenhuma lesão evidente no cérebro, no entanto, só se lembra de ter visto o marido no dia em que se conheceram e mais nada. Nada do antes nem do depois. Às vezes, o cérebro faz isso como forma de proteção devido a um acontecimento. Não temos motivo para não acreditar que recuperará a memória no futuro. Talvez seja devagar, como um *puzzle*, ou talvez aconteça de repente.

«E talvez nunca aconteça?», pensou ela.

- E é por isso que deve ficar em observação enquanto recupera. - A médica olhou para Apollo Vasilis por um instante.

Depois, voltou a olhar para Sasha.

- Não se esforce muito para tentar recuperar a memória. Tem de se concentrar em recuperar das lesões. Tenho a certeza de que tudo voltará a funcionar corretamente.

Naquele momento, isso parecia-lhe uma possibilidade longínqua. Sentia-se confusa. E onde era a sua casa? A médica dissera-lhe que era inglesa, portanto, era possível que tivesse nascido lá.

Quando perguntara pela sua família, o marido dissera-lhe que os pais tinham morrido e que não tinha irmãos. Assim, sem mais nem menos. Sentira uma dor no peito, perto do coração, mas, visto que não era capaz de recordar o rosto nem os nomes dos pais, não conseguia sentir uma tristeza profunda.

A médica foi-se embora e Sasha olhou para Apollo Vasilis. O seu marido. Ele estava muito sério. Não se alegrava por ter sobrevivido ao acidente? No entanto, Sasha sentia o seu mal-estar.

Curiosamente, Sasha recordava a noite em que se tinham conhecido. Lembrava-se de o ver a sorrir. Até a rir-se. E recordava o seu rosto atraente e a sua voz profunda.

Tinham-lhe contado que essa noite acontecera há quatro meses. E que se tinham casado. Que ela se mudara para a Grécia da Inglaterra. Era demasiado para assimilar e Sasha tentava evitar pensar nisso.

- Estás pronta? Lá fora, há um carro à nossa espera.

Estava pronta para se ir embora com um homem que era apenas um desconhecido? Num país a que não se lembrava de ter chegado? No entanto, ela assentiu.

Apollo pegou numa mala. Trouxera-lhe roupa e, ao vê-la, ela sentira-se ainda mais desorientada, já que não se imaginava a escolher roupa como aquela. Umas calças de seda creme e com aberturas de lado, a condizer com um *top* e um casaco. Sapatos de salto.

Ele abriu a porta e desviou-se. Sasha saiu do quarto.

Apollo andou pelo corredor ao lado da esposa. Ela andava devagar, como se nunca tivesse usado sapatos de salto. Era estranho, porque a única vez que recordava tê-la visto com sapatos rasos fora na noite em que se tinham conhecido.

Sasha cambaleou e ele agarrou-a pelo cotovelo para a estabilizar. Ela observou-o e corou.

- Obrigada.

- De nada. - Ele cerrou os dentes ao ver que o seu corpo reagia ao tocar nela. Ela não usava o seu perfume habitual. Vira que o tirara da mala, que pusera um pouco no seu pulso e que, ao cheirá-lo, franzira o nariz.

- Este é o meu perfume? - perguntara.

Ele assentiu.

Apollo só conseguia perceber o seu cheiro feminino e recordou a primeira vez que a vira e como ficara espantado com a sua beleza. O impacto fora tal que ofegara.

Não era capaz de compreender. Vira muitas mulheres muito mais belas que Sasha. E também fora para a cama com elas. No entanto, ela tinha algo que o cativara, por muito que odiasse ter de o admitir.

Seduzira-o com o seu olhar inocente e apanhara-o com um truque velho. A marca que aquela transgressão deixara nele e o seu momento de fraqueza por ela tinham-lhe causado um mau humor constante. O desejo que sentira por ela desaparecera assim que descobrira a sua traição, mas, de repente, regressara para gozar com ele, por ter pensado que tinha tudo sob controlo.

Sasha fez uma careta ao sentir que Apollo lhe agarrava o braço com força. Tentou soltar-se e ele observou-a.

- Já estou bem, podes largar-me.

Imediatamente, ele retirou a mão e disse:

- O meu carro está aí, à porta.

Sasha viu um automóvel prateado e um motorista que segurava a porta traseira aberta. Saiu do hospital e inalou uma baforada de ar fresco. Sasha entrou no carro. Os seus

sapatos magoavam-na, apesar de só ter andado alguns passos. Não conseguia acreditar que usava habitualmente esse tipo de sapatos.

Ou era Apollo que gostava deles e ela usava-os para o agradar?

A ideia fê-la tremer. A ideia de o agradar. Contudo, parecia que ele não se sentia agradado e ela não sabia porquê.

O motorista ligou o carro e Apollo fez um comentário em grego. O homem levantou o vidro de separação. Sasha sentia-se tão consciente da presença de Apollo que era como se lhe tivessem tirado uma camada de pele.

Ele pôs a mão na sua coxa. Tinha os dedos compridos e as unhas bem cortadas. Parecia que o fato que usava fora feito à medida para realçar o seu físico poderoso. Observou-a e ela não teve tempo para disfarçar e para fingir que não estava a olhar para ele.

- Estás bem?

Ela assentiu.

- Para onde vamos?

- Para casa. Não é muito longe daqui.

- Vivi lá durante muito tempo?

- Durante os três últimos meses, desde que nos casámos.

- Onde nos casámos? - Sasha apercebeu-se de que, se não fosse porque aquele homem fora procurá-la depois do acidente, quando a encontraram na estrada desorientada e um dia depois de denunciarem o seu desaparecimento, ele poderia ter sido qualquer pessoa.

Apollo observou-a fixamente e ela corou. Depois, ele tirou um telemóvel do bolso e mostrou-lhe o ecrã.

- Casámo-nos em Atenas, numa cerimónia civil.

Olhou para o ecrã do telemóvel e viu um artigo de imprensa onde havia uma fotografia do casamento. Era uma fotografia dela, embora lhe custasse reconhecer-se. Usava um vestido de seda sem mangas, cortado ao viés e com um decote quase até ao umbigo. Os sapatos de salto

alto, muita maquilhagem e o cabelo penteado com caracóis grandes. Joias de ouro e um anel grande de diamantes. Ao ver a fotografia, sentiu-se envergonhada.

- Tinha anéis?

- Sim. Os médicos disseram que deveres tê-los perdido durante o acidente.

- Espero que não fossem muito valiosos.

- Não te preocupes, tinham seguro.

Sasha olhou novamente para a fotografia no ecrã. Aparecia a sorrir e agarrada ao braço de Apollo. No entanto, o marido não parecia muito contente. A lembrança que tinha dele a sorrir devia ser fruto da sua imaginação.

Começou a ler o artigo por alto.

Apollo Vasilis, o magnata grego do setor imobiliário, casa-se com a noiva britânica, Sasha Miller numa cerimónia privada e pelo civil.

A informação exata. Sasha devolveu-lhe o telemóvel. Sentia-se ainda mais desorientada. Tinha um milhão de perguntas, mas começava a doer-lhe a cabeça e o médico dissera-lhe para fazer as coisas com calma.

Em pouco tempo, o carro entrou por um portão de ferro. Um homem que estava numa guarita cumprimentou-os depois de trocar algumas palavras com o motorista.

Sasha olhou pela janela, espantada. O caminho de entrada levava até uma casa de dois andares onde os esperava uma mulher vestida de uniforme no topo de uma escada, junto da porta.

Apollo saiu do carro e abriu a porta de Sasha para a ajudar a sair.

Deu-lhe a mão e tremeu. Ao sentir que corava, retirou a mão o mais depressa que pôde.

A sua forma de reagir com ele era demasiado. Decidiu que evitaria tocar nele novamente, mas uma vizinha recordou-lhe que eram casados.

Parou na base da escada. De repente, pensou que partilhariam o quarto. E a cama. O coração acelerou. Apollo estava quase à porta da casa. Virou-se e ela viu que a observava com impaciência.

- Sasha?

Ela subiu pelas escadas. Talvez pudesse sugerir que dormissem separados até recuperar a memória? Não queria que partilhasse a sua cama quando sentia que mal o conhecia? Pouco importava o que seu corpo lhe indicava.

Sasha não reconheceu a mulher vestida de uniforme. E ela não parecia muito contente por a ver. Olhava para Sasha de forma estranha, como se esperasse que fizesse algo inesperado.

Sasha deu um passo em frente e esticou a mão.

- Olá.

A mulher ficou tensa e olhou para Apollo. Ele devia ter-lhe feito um gesto porque, depois, voltou a olhar para Sasha e apertou-lhe a mão, dizendo:

- Bem-vinda a casa, *kyria* Vasilis.

Sasha sentiu que alguém lhe tocava nas costas, distraíndo-a da reação estranha que a mulher tivera.

- Não te lembras da Rhea?

Ela abanou a cabeça.

- Lamento muito, mas não.

A mulher soltou-lhe a mão.

Apollo disse:

- Vou mostrar a casa à minha esposa. Dentro de algumas horas, comeremos algo leve, Rhea. No terraço pequeno.

A mulher assentiu e desapareceu na casa. Sasha olhou para a entrada imponente. Estava convencida de que nunca vira aquele chão de mármore nem estivera naquele lugar.

Enganava-se. Vivera ali. Era evidente que não podia confiar no seu instinto.

Apollo mostrou-lhe as divisões que havia à volta do vestíbulo circular. Havia uma sala de estilo formal e uma de